

EXERCÍCIOS NO CORPO-ESCOLA: inventando partilhas e comunidades¹

Roberta Jancis Naufal²

Resumo

A presente intervenção educacional, intitulada *Exercícios no corpo-escola: inventando partilhas e comunidades*, foi desenvolvida em um colégio particular localizado em Cotia, na Zona Sudoeste da Região Metropolitana de São Paulo, ao longo do primeiro semestre do ano de 2023, em conjunto com: treze estudantes, entre oito e dez anos, cursando o quarto ano do Ensino Fundamental I, membros de suas famílias, funcionários e demais alunos da comunidade escolar. O programa de 25 encontros intencionou a criação coletiva de espaços-estados participativos para a partilha de conhecimentos, saberes e experiências por, com e para a comunidade escolar, tendo como princípios as diversas práticas curriculares integrativas, a escuta à escola, o envolvimento dos agentes de forma não setORIZADA e a valorização do saber-do-corpo.

Palavras-chave: arte; educação, corpo; partilha.

A presente intervenção educacional foi desenvolvida em uma comunidade escolar, localizada em Cotia-SP, em conjunto com treze estudantes, entre oito e dez anos, cursando o quarto ano do Ensino Fundamental I, membros de suas famílias, funcionários e demais alunos do colégio. O trabalho intencionou a criação coletiva de espaços-estados participativos para a partilha de conhecimentos, saberes e experiências por, com e para a comunidade escolar, tendo como princípios as diversas práticas curriculares integrativas, a escuta à escola, o envolvimento dos agentes de forma não setORIZADA e a valorização do *saber-do-corpo* (ROLNIK, 2019).

Ao longo de minhas graduações, em Medicina Veterinária e em Artes Visuais, me parece inevitável a discussão acerca da fragmentação das disciplinas. Segundo Morin (2013), o desafio da complexidade é que estamos em um mundo onde encontramos problemas tão difíceis e tão separados. Penso que artistas e cientistas vivenciam um problema comum: como comunicar para além de seus pares? Agora,

^{1*} Trabalho apresentado no GT2 – *Ensino das Artes, diversidade e acessibilidade* durante o I Encontro Internacional de Ensino da Arte / 4º Encontro Nacional de Ensino da Arte, de 21 a 23 de outubro de 2025.

² Licenciada em Artes Visuais, FAAP, São Paulo, SP e Bacharel em Medicina Veterinária, UMESP, São Bernardo do Campo, SP. robertanaufal@gmail.com.

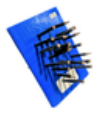


como experimentar o fazer junto nessa grande comunidade chamada escola? – instituição que muitas vezes parece replicar a fragmentação moderna do conhecimento.

Apesar das imensas contribuições de Paulo Freire, Tião Rocha, Ailton Krenak e Edgar Morin, partimos de trabalhos de mulheres de diversas frentes de atuação como referências ao nosso projeto: a *Escola Oysi*, de Cecilia Vicuña; a *Arte Útil*, de Tania Bruguera; a iniciativa *Terrane*, de Ana Lira em diálogo com a Casa da Mulher do Nordeste; o projeto *Lanchonete-Lanchonete*, de Thelma Vilas Boas junto às comunidades da zona portuária do Rio de Janeiro; as ações do coletivo Dulcinéia Catadora; *Aldeia-Escola-Floresta*, de Sueli Maxakali; as propostas das educadoras Ivani Fazenda e Heloísa Lück; a ciência feminista de Bertha Lutz e Donna Haraway; e as atuações das mestras Maria Cândido, Lia de Itamaracá, Janja e Ana da Rabeca. Ademais, a cada encontro, se somavam as referências trazidas por cada um dos convidados, formando uma grande miscelânea em rede.

O programa se deu ao longo do primeiro semestre de 2023, durante as aulas de Arte da turma do quarto ano, cada uma com 50 minutos de duração. Por meio de uma ação conjunta e participativa de toda a comunidade escolar, os 25 encontros ocorreram nos mais variados espaços da escola, pensando a sala de aula-ateliê-laboratório-cozinha-jardim-portaria-etc como *terceiro educador* (MALAGUZZI, 1999). A escolha dos materiais priorizou uma abordagem sustentável, a partir daquilo que tínhamos a mão, além de uma intenção de desmaterialização, tomando o corpo como foco de ação - fato potente em contexto escolar que muitas vezes solicita sua disciplinarização e silenciamento.

Nomeamos os 25 encontros assim: *Acolhimento da turma*; *Construção do projeto com a comunidade*; *A horta secreta de Bárbara*, com a professora polivalente da turma; *O percurso cego de Vitória*, com a antiga professora polivalente da turma; *As frutas de Gilda* e *A germinação de Edna*, com as responsáveis pela limpeza da escola; *Robson, o cão professor*, com a participação do meu cachorro; *O corpo camuflado de Paulo*, com o porteiro da escola; *O corpo infantil*, com as funcionárias e alunos do Infantil; *As lupas mágicas de Miguel*, *O circo de Elisa*, *O corpo articulado de Lorena*, *A fotografia infotografável de Melissa* e *Cartografias de Arthur*, propostos pelos estudantes do 4º ano; *Pintura expandida em família*, com familiares dos alunos; *A fermentação de Diogo*, com o diretor da escola; *O carnaval de Curió*, *As palavras-posturas de Paula*, *Os corpos unidos de Júnior*, *Os objetos sonoros de Lucas*, *Dançando a escola com Robi* e *As cem linguagens de Giulia* com os professores



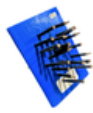
especialistas respectivamente de Cultura Popular, Yoga, Educação Física, Música, Dança, Inglês e Linguagens; *Um balanço com a turma*; e *Apresentação à comunidade*.

Algumas reflexões surgiram após a dimensão prática do fazer junto à comunidade, como: Compartilhar e não compartimentar; A afirmação do *saber-do-corpo*; A ênfase em processos, no processo: desarranjos, liberdade e movimento como instâncias disparadoras do processo de criação; A potência das ações com, por e para a comunidade; A valorização do saber e da experiência das crianças como meios de reinvenção da instituição escola; A *prática-que-ri*; A potência e o cuidado com as palavras; O espaço como terceiro educador; E a minha afirmação como artista-professora-veterinária-etc.

Questões históricas, burocráticas e financeiras, o tempo escasso, a articulação das demandas colocadas pela coordenação, pelas famílias e pela BNCC, a formação docente, e a própria estrutura organizacional da escola são alguns dos desafios que permeiam o ensino formal e dificultam reformas efetivas. Porém, apesar de todos os desafios, as práticas integrativas se sustentam na base da leitura do contexto tal como ele é, assumindo as singularidades e diversidades. Mais do que superar os limites impostos pela fragmentação do conhecimento, tornar essas supostas fronteiras territórios propícios para os encontros.

Como sugere o título do trabalho, *Exercícios no corpo-escola: inventando partilhas e comunidades*, enfatizo a dimensão processual, de movimento, tanto no corpo dos participantes, quanto no corpo coletivo por eles configurado, num entendimento do corpo e do corpo-escola como processo. O hífen, em detrimento da barra, propõe tudo em interação, sublinhando a inseparabilidade das coisas que os modernos se habituaram a dividir. Tomo de empréstimo de bell hooks, em *Ensinado comunidade: uma pedagogia da esperança* (2021), a ideia de educação democrática que convoca maneiras de compartilhar conhecimentos de modo a não reforçar estruturas de dominação. E, de *A partilha do sensível* (2005), de Jacques Rancière, que dá forma à comunidade por meio da convivência comum do que é particular, pensando a diversidade, a tensão, o dissenso como produtores de experiências e saberes.

MALAGUZZI, Loris. História, ideias e filosofias básicas. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. *As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
MORIN, Edgar. *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.



HOOKS, Bell. Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2005.

ROLNIK, Suely. Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada. 2a ed. São Paulo: n-1 edições, 2019.